

RESENHA

# A gênese *pidgin* revisitada

Nina RIOULT 

Universidade Federal Fluminense (UFF)

## RESUMO

Esta resenha destaca os principais pontos que foram abordados por Mufwene na sua conferência que se encaixa no quadro dos estudos de *pidgins* e crioulos. Ao relatar as condições de emergência dos *pidgins* e crioulos, o autor vem questionando teses amplamente difundidas nesta área, tal como o fato de que os crioulos têm uma filiação com os *pidgins*. De acordo com Mufwene, crioulos nasceram antes dos *pidgins* e não teriam necessariamente uma relação com eles, uma vez que teriam condições de emergência distintas. A conferência foi seguida de um debate que permitiu aprofundar as reflexões acerca da criação e da evolução dos *pidgins* e crioulos.

## RESUMÉ

Ce compte-rendu relate les principaux points abordés par Mufwene lors de sa conférence, qui se situe dans le champ d'étude des *pidgins* et créoles. En retraçant les conditions d'émergence des *pidgins* et créoles, l'auteur remet en question certaines thèses largement partagées dans ce domaine d'étude, comme, par exemple, le fait que les créoles aient un lien de filiation avec les *pidgins*. Selon Mufwene, les créoles sont nés avant les *pidgins* et il n'y aurait pas nécessairement de relation entre eux, puisqu'ils ont émergé dans des conditions différentes. La conférence a été suivie d'un débat qui a permis d'approfondir les réflexions sur la création et l'évolution des *pidgins* et créoles.

## PALAVRAS-CHAVE

*Pidgins*. Crioulos. Linguística de contato.

## MOTS-CLÉS

*Pidgins*. Créoles. Linguistique de contact.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

Raquel Freitag

REVISADO POR

Ana Livia Agostinho

DATAS

Recebido: 14/05/2020

Aceito: 26/05/2020

Publicado: 09/07/2020

COMO CITAR

Riout, N. (2020).

A gênese *pidgin* revisitada.

Revista da Abralín, v. 19, n. 2, p.

1-4, 2020.

No dia 7 de maio de 2020, o professor Salikoko S. Mufwene, linguista da Universidade de Chicago e especialista em *pidgins* e crioulos, deu uma conferência *on-line* no site da Abralin, Associação Brasileira de Linguística, com o título “*How Pigins emerged? Not as we have been told*”<sup>1</sup>. O professor ofereceu uma releitura convincente do contexto histórico no qual surgiram os *pidgins* e convidou o público a repensar os vínculos, ou a sua inexistência, entre crioulos e *pidgins*.

O professor primeiro ressaltou que a narrativa clássica sobre o nascimento de *pidgins* e de crioulos está marcada por contra-verdades e afirmações sem fundamentos. De acordo com muitos linguistas, os *pidgins* teriam nascido de intercâmbios comerciais entre europeus e não europeus entre os séculos XIV e XIX. Sua origem estaria no fato de os europeus não terem aprendido as línguas locais e de os diferentes povos não compartilharem uma língua de contato. Essa narrativa sugere a existência de feiras semelhantes a “bazares”, onde qualquer um poderia ter trocado bens e nos quais os *pidgins* teriam nascido. Uma outra ideia comum que o professor descarta é o fato de os crioulos terem vindo dos *pidgins*. De fato, essa ideia é muito difundida nos estudos linguísticos dos *pidgins* e crioulos, como o atesta, por exemplo, a explicação de Holm (2010): “Por definição, um crioulo tem um *pidgin* – ou um jargão pré-*pidgin* sem normas – na sua ascendência”<sup>2</sup>. Mufwene vai de encontro a essa posição e estipula que os *pidgins* e crioulos seriam processos paralelos, e não necessariamente ligados. Eles simplesmente se dariam em contextos ecolinguísticos diferentes.

Em oposição a essas concepções comuns, Mufwene relembra que as feiras de tipo “bazar” nunca existiram na África. As mercadorias (armas, escravos, metais, etc.) eram trocadas por companhias poderosas, tais como a *East India Company*, que faziam transações financeiras significativas pelo intermédio de corretores. Essas companhias trocavam bens comerciais com poderosos Estados africanos, tais como os impérios da África ocidental ou os Estados bantus, e não com indivíduos quaisquer em praça pública. Nesse sentido, antes do século XIX e da criação de colônias, tratava-se de relações comerciais igualitárias, comparáveis ao que acontece hoje em dia no mundo globalizado.

Mufwene salienta o fato de que, nessas condições, a criação de *pidgins* não se deu na África porque ela não era necessária. As trocas entre as companhias europeias e os Estados africanos foram mediadas por intérpretes que desempenharam um papel fundamental entre os séculos XIV e XIX. Assim sendo, Mufwene assinalou a importância de demonstrar honestidade intelectual e admitir que não se sabe exatamente quando e em que língua se deram os primeiros contatos entre portugueses e africanos. O fato de as primeiras trocas comerciais terem começado tempos depois dos primeiros encontros sugere que houve necessidade de um tempo de adaptação, *a fortiori* linguística, para se poder estabelecer uma comunicação suficientemente consistente e se desenvolver uma confiança comercial. O que se sabe é que membros de famílias africanas foram para a Europa, inicialmente para Portugal, para obter educação formal e, no sentido contrário, exilados europeus (desertores, exilados religiosos, etc.) foram buscar refúgio na África. Estes indivíduos aprenderam as línguas dos outros por imersão e desempenharam um papel-chave no estabelecimento de relações

1 “Como os *pidgins* emergiram? Não como nos contaram.” Tradução própria.

2 “By definition, a creole has a *pidgin* – or a pre-*pidgin* jargon without norms – in its ancestry”. Tradução própria.

comerciais. O comércio entre África e Europa se deve em maior grau à intervenção de intérpretes do que à formação de *pidgins*. Além do mais, sabe-se que o português atuou como língua franca na região até pelo menos o século XVIII, sendo descartada a necessidade de um *pidgin* para se comunicar. Apoiando-se nesses fatos históricos, Mufwene recorda que o nascimento dos *pidgins* não está necessariamente ligado à emergência de relações comerciais internacionais e ao início da “aventura” colonial, como foi frequentemente assumido.

Por conseguinte, Mufwene se opõe às teorias que apresentam os *pidgins* como ancestrais dos crioulos. De acordo com o professor, o primeiro documento que atesta a existência de um *pidgin* dataria do século XIX e se refere ao gullah americano. Ele questiona vários argumentos fornecidos como prova da existência antiga dos *pidgins* por linguistas. Mufwene vai de encontro às provas que Dillard (1992) traz para assinalar a existência de um *pidgin* inglês no século XVII. O pesquisador também declara que as provas são insuficientes para falar de um *pidgin* árabe nas rotas comerciais pre-existentes ao comércio afro-europeu, enquanto Holm (2010) apresenta, ao contrário, o *pidgin* árabe como o primeiro exemplo conhecido de *pidgin*, no século XI. No que se refere à emergência precoce de *pidgins*, Mufwene deduz que “a ausência de provas é uma prova da ausência”. Sublinhando que os primeiros casos atestados de *pidgins* datam do século XIX, enquanto a palavra “crioulo” já aparece desde o século XVI, o autor sugere que os crioulos podem ter existido antes dos *pidgins*, o que descarta a ideia de os crioulos se formarem a partir dos *pidgins*. Para reforçar o seu argumento, ele usa o exemplo dos *pidgins* ingleses da Nigéria e dos Camarões, que são uma ramificação do krio, língua falada em Serra Leoa, que teria por sua vez emergido do crioulo jamaicano um século antes. Nesse caso, um crioulo teria dado à luz um *pidgin*.

De acordo com Mufwene, ambos, *pidgins* e crioulos, decorrem do fenômeno de basilectalização, ideia que ele compartilha com Chaudenson (2003), autor segundo o qual crioulos se formaram a partir de aproximações sucessivas de línguas europeias. Assim, a diferença entre *pidgins* e crioulos se deve principalmente às condições de emergência diferenciadas. Os crioulos são mais característicos de colônias de povoamento, onde a população europeia não é majoritária, mas onde o contato com a língua-fonte é frequente. Os *pidgins* servem de línguas francas em lugares onde o uso de línguas europeias é mais ocasional. Em lugares onde os *pidgins* são falados, geralmente ocorre a presença de outras línguas.

Observa-se também a relativa ausência de *pidgins* franceses, portugueses ou holandeses, de modo que os *pidgins* parecem ser uma peculiaridade da língua inglesa. O professor ressaltou a importância de explicar a razão dessa especificidade da língua inglesa, mas não chegou a aprofundar muito o assunto, provavelmente em decorrência da falta de tempo. No entanto, ele propôs linhas de interpretações desse fenômeno em outras publicações (MUFWENE, 2012).

As perguntas dos participantes ajudaram também a enriquecer a reflexão sobre o assunto. Foi notadamente levantada a questão da chegada massiva de refugiados à Europa como possível ocasionadora da criação de crioulos. Perante essa pergunta, o professor alertou sobre a importância de permanecer prudente ao usar os termos crioulo ou *pidgin*, já que qualquer classificação carrega consigo um viés. Assim, seria possível qualificar quase todas as línguas do mundo como crioulos.

Contudo, afirmamos que a aparição de crioulos decorrente das línguas de refugiados na Europa é pouco plausível, na medida em que os filhos dos refugiados muito provavelmente se tornarão locutores nativos das línguas europeias. Algumas palavras ou estruturas linguísticas certamente irão influenciar línguas europeias, como já é o caso da língua árabe no “argot” francês, mas não é o suficiente para falar de crioulo.

Vale evocar a participação de Michel Degraaf, especialista do crioulo haitiano, que perguntou sobre casos locais de evolução de *pidgins* para crioulos, como o sugere, por exemplo, Bickerton (1981), usando o caso do *pidgin* inglês haitiano como uma demonstração de evolução de um *pidgin* para um crioulo. Contudo, Mufwene rejeita essa hipótese e defende que, no Havaí, como em outras regiões, o *pidgin* e o crioulo evoluíram paralelamente em lugares diferentes. A particularidade do caso haitiano consistiria apenas no fato de que o crioulo foi praticado na cidade e o *pidgin*, na planície, ao contrário do que ocorreu nas Antilhas.

Por fim, podemos afirmar que a conferência proposta por Mufwene foi extremamente rica. Além de abordar um campo de estudos específico, o dos crioulos e *pidgins*, e conceitos teóricos ainda pouco difundidos no Brasil, o professor também pôs em xeque algumas das concepções que sustentam esse campo de estudos. Dessa forma, ele lembrou a todos a importância de demonstrar rigor e honestidade intelectual em qualquer desdobramento intelectual. Vale ressaltar a pertinência desse campo de estudos no Brasil, país onde se encontraram línguas de vários povos em um contexto de colonização e, portanto, que apresenta características ecolinguísticas semelhantes à de territórios onde nasceram crioulos, tais como as Antilhas. Se o português brasileiro não é considerado um crioulo por muitos linguistas, é certamente um caso de contato linguístico que merece continuar sendo pesquisado.

### REFERÊNCIAS

BICKERTON, Derek. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1981.

CHAUDENSON, Robert. *La créolisation: théorie, applications, implications*. Paris: L'Harmattan, 2003.

DILLARD, Joey Lee. *A history of American English*. New York: Longman, 1992.

HOLM, John. Contact and Change: Pidgins and Creoles. In: HICKEY, Raymond (Ed.) *The Handbook of language Contact*. Oxford: Blackwell, p. 252-261, 2010. DOI : 10.1002/9781444318159.

HOW pidgins have emerged. Not as we have been told. Conferência apresentada por Salikoko S. Mufwene [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 19min 11s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9nsTHFxq-9w>. Acesso em: 07 maio 2020.

SALIKOKO, Mufwene. Globalisation économique mondiale des XVIIe-XVIIIe siècles, émergence des créoles et vitalité langagière. In: *LANGUES CREOLES, MONDIALISATION ET EDUCATION*, 2012, Maurice. Actes du XIII<sup>e</sup> colloque du comité international de études créoles. Vaocas: CSU-ELP, 2012.